

OFICINA INFANTIL DE DANÇA AFRO

Raimundo Gonçalves (Bujão)
Do Conselho das Entidades
Negras da Bahia — CENBRA
e do Núcleo Cultural
Niger Okan

A

Oficina Infantil de Dança Afro foi uma das atividades desenvolvidas pelo Núcleo Cultural Niger Okan que é vivido, por seus integrantes, como um instrumento político. Esta Oficina foi ministrada no Colégio Lomanto Júnior — Itapuã, o primeiro colégio a estabelecer um debate sobre Zumbi dos Palmares e o 13 de Maio em Salvador. Esta oficina foi uma experiência muito forte: eu, por exemplo, que era um dos coordena-

dores do trabalho, não avaliava sua dimensão e seu retorno para nós e para as próprias crianças. O interessante é que a experiência, no começo, não foi bem aceita pelos professores. Foi assim: fizemos um convênio com a escola e tentamos um horário — duas vezes por semana das 10:00 às 12:00 horas. Algumas professoras (as “brancas de cabeça”) questionavam nosso trabalho dizendo que não conseguiam ensinar porque o batuque perturbava a aula. Brigamos muito, mas acabaram por nos absorver.

A oficina recebeu crianças de dois a 14 anos que estudavam nas escolas públicas e que à tarde iam vender amendoim, ou ficavam zanzando pela rua. Percebi que a escola que as crianças freqüentavam era uma catástrofe, porque eles entendem que a criança só pode aprender do jeito que eles querem, que a cartilha mostrou. E, na verdade, acho que a educação tem que partir da realidade das crianças porque senão elas aprendem apenas por obrigação. E a experiência na Oficina mostrou que elas têm interesse, porque todos os dias chegava criança querendo se inscrever.

O trabalho na Oficina permitiu descobrir que as

crianças não conheciam os instrumentos africanos. Descobrimos, também, que a palavra candomblé não podia ser citada a princípio, ela afastava as crianças: elas estavam dançando o ritmo dos Orixás, mas se falasse em candomblé a família, por sua formação católica, não permitia que a criança estivesse na escola aprendendo o ritmo do candomblé.

A Oficina era freqüentada por crianças negras e brancas, também. Isso me faz pensar que é possível pessoas se identificarem com elementos de outras culturas. Havia também um menino homossexual, ótimo dançarino. Atuamos no sentido das crianças se relacionarem com este menino à nível de igualdade, sem discriminar.

Nosso trabalho foi de liberar criatividade. Fazíamos sabatina de instrumentos: mostrávamos seis instrumentos e sabatinávamos. Quando a criança não sabia perguntava para outra, ou respondia: “isso aí é cascavel”. E era chocalho. Faziam a ligação porque cascavel tem chocalho. Eles não sabiam o nome mas criavam. O agogô, diziam que era vendedor de taboca, porque tinha o som de taboca, taboqueiro. O instrumento mais conhecido era o berimbau, que era também o mais reprimido, por causa daquela visão de algumas famílias que berimbau é coisa de moleque, de ladrão. Descobrimos que as crianças — meninos e meninas — gostam muito de capoeira.

Conversamos com os pais destas crianças para sabermos como perceberam o trabalho.

Depoimento 1

P. O que a senhora achou da Oficina?

R: Um centro de desenvolvimento para as crianças. Um início da criatividade.

P. Qual o interesse das crianças para com a Oficina?

R: Eles ficavam muito incentivados com a dança e gostavam porque faziam o que queriam.

P. A senhora verificou alguma coisa no comportamento da criança?

R: Verifiquei. Por exemplo, o Augusto que comia menos, com a Oficina passou a comer mais.

P. A senhora gostaria que o trabalho continuasse?

R: Gostaria, pelo menos é uma opção de lazer que as crianças terão.

Depoimento 2

P. O que você acha da Oficina?

R: Achei ótimo, fiquei triste com o interrompimento.

P. Qual o interesse da menina com a Oficina?

R: Ela se interessou muito, se preocupava com o que aprendia e chegava a repetir os movimentos, o que serviu, inclusive, para desembaraçá-la. Acabou com a timidez, porque ela tinha vergonha de tudo. Isso eu vejo nas crianças que estão ficando mocinhas, a soltura delas na rua e fico me lembrando da Oficina.

P. A senhora gostaria que esse trabalho continuasse?

R: Sim, pelo menos tinha uma coisa em Itapuã para instruir as crianças porque, a não ser a escola, as crianças não têm nada.

